

## A Pessoa Humana na Obra de Urbano Zilles

Fábio de Barros Silva (Bolsista PIBIC/CNPq FUNREI)

Orientador: José Maurício de Carvalho

### Introdução

Nosso trabalho visa basicamente mostrar de que modo Zilles trabalhou a problemática da pessoa humana a partir de referenciais teóricos da contemporaneidade como Mounier, Marcel e Chardin. Ele elaborou, a partir destes referenciais, uma ética personalista de grande originalidade. Vejamos o fundamental das filosofias que posicionaram o pensamento de Zilles na questão da vida pessoal.

Conforme pudemos demonstrar em trabalhos anteriores, E. Mounier (1905-1950) indicou que o universo da pessoa é rico e complexo. Entendê-lo significa apreender suas estruturas, significa entender o universo do homem. Tal entendimento, entretanto, não pode ser feito a partir da noção de objeto a ser conhecido. O francês explicou que ser pessoa é justamente 'não ser objeto'. Logo, dizemos que a pessoa não está estática, pronta e acabada, *é uma atividade vivida de auto-criação, de comunicação e de adesão que em acto, 'como movimento de personalização, alcançamos e conhecemos'* (Mounier, 1964. p. 20). Contudo, no entendimento de Zilles, esta compreensão não bastava para elevar o caráter da vida pessoal. Era preciso alicerçar uma ética que estabelecesse como primado a dignidade da pessoa. O fundamento desta ética Zilles encontrou no contato interpessoal, ou seja, na problemática da comunicação.

Assim, podemos dizer que no que se refere à questão da comunicação foi G. Marcel (1889-1975) quem contribuiu decisivamente na formulação do alicerce da ética personalista zilleana. Esse francês focalizou o problema da intersubjetividade e demonstrando que o *outro* é fundamental no que se refere à existência do *eu*, visto que *o prefixo 'ex' em existir, em tanto que traduz um movimento para o exterior, uma tendência centrífuga, é aqui da maior importância. Existo: quer dizer que tenho que fazer-me conhecer ou reconhecer, seja por outro, seja por mim mesmo* (Marcel, 1959. p. 22). É com base nesta compreensão que Marcel elabora a noção de relação *eu-tu*, fundamento da dignidade da pessoa humana. Feita a fundamentação de sua ética personalista, Zilles passou a refletir sobre a questão do sentido da existência humana, e foi Teilhard de Chardin quem o inspirou em mais esta jornada do pensamento.

Teilhard de Chardin (1881-1955) dedicou sua vasta obra ao exame da noção de evolução. Esse cientista francês acreditou que o homem personifica o sentido da evolução, um salto qualitativo no processo pois, *o termo de nós próprios, o cúmulo de nossa originalidade, não é nossa individualidade – é a nossa pessoa* (Chardin, 1965. p. 289). O resultado desta compreensão ofereceu a Urbano Zilles o entendimento de que a pessoa humana representa o ápice da evolução. Caberá a ela o retorno de toda a criação a Deus.

Mas o pensador brasileiro não deteve sua reflexão nestes pontos. Para edificar

sua ética que ratificou o entendimento de que o homem é pessoa, o filósofo formulou uma crítica muito bem fundamentada aos rumos da civilização tecnológica, que massifica e uniformiza o homem, reduzindo-o à categoria de *problema*. Esse reducionismo produz a angústia da falta de sentido da existência e da ausência de diálogo com o sagrado. Zilles explicou que a linguagem filosófica deve aproximar o homem de seu cotidiano e, ao mesmo tempo, considerar sua abertura para Deus. Desse modo, na trilha de Mounier, espera superar a condição negativa atribuída à vida humana e resgatar, pelo diálogo com os pensadores mencionados, o principal das contribuições de Santo Tomás de Aquino (1225-1274).

## 1. Crítica à civilização tecno-urbana

Quando se quer entender o homem é preciso ter consciência de que a sua expressão neste mundo assume uma complexidade que se manifesta na técnica, na cultura, nas relações sócio-políticas, nas manifestações religiosas etc. Uma Antropologia Filosófica que não considera estes aspectos, não serve como discurso edificante e indignifica a pessoa humana. Por isso, Urbano Zilles (1937- ) nos alerta de imediato para o entendimento de que quando nos dispomos a entender o universo da vida pessoal *nossa concepção de realidade deve ser 'compreensiva' e global, ou seja, deve envolver a pessoa inteira e não só um ou outro aspecto* (Zilles, 1991. p. 190). Com isso o autor observa uma hodierna crise da antropologia filosófica, que é viabilizada por um contexto onde a ciência e a técnica se tornaram absolutas e se transformaram no padrão de respostas para todos os problemas. O filósofo brasileiro exprimiu de forma muito ilustrativa esta questão ao identificar a redução da vida à sua dimensão material, como afirmação da tecnologia e da ciência, com um projeto que *faz o homem ser escravo de sua própria inteligência, de suas idéias, de sua técnica* (Zilles, 1968. p. 1106).

Verifica-se neste mundo do progresso da técnica e da ciência uma tendência uniformizante, massificante, que não oferece espaço para o amor, o diálogo, a religião. É o mundo que se expressa em cálculos, em objetividade, numa palavra, em *solução de problemas*. A tentativa de esgotar o real a partir de pressupostos objetivantes, dão uma perspectiva específica ao universo humano que é reduzido à categoria de *problema* que deve ser *decifrado*. Para Zilles, a tecnologia fornece uma visão limitada que não favorece o reconhecimento da dignidade da pessoa humana. O reconhecimento de que a vida pessoal possui uma eminente dignidade levou Zilles à elaboração de uma crítica à civilização técnico-urbana traduzida em dois momentos complementares. Em primeiro lugar, o filósofo brasileiro entendeu que existe uma crise do homem que vê o progresso como produto puramente humano. Surge a figura de um homem arquiteto do mundo, dono da técnica e da ciência, seguro de si e de seu futuro. Mas, logo, esse mesmo homem se percebe limitado diante da morte, angustiado pela ausência de um sentido, solitário perante a falta de um diálogo com o outro e com Deus. Esse momento se apresenta como um abismo, uma lacuna que promove no homem de nossos dias a crise da fé. O modo como Zilles trabalha esta crítica é o que indicaremos a seguir.

### 1.1. A crise do homem

No que se refere à condição humana, Urbano Zilles explicou que só a podemos

compreender *em situações históricas e concretas, em sua relação com o mundo, com o semelhante, consigo mesmo e com Deus* (Zilles, 1995. p. 07). O mundo tecnológico em que vivemos dificulta este tipo de compreensão. As circunstâncias atuais, entretanto, não indicam que a pessoa tenha perdido, de modo definitivo, a possibilidade de contato com o meio circundante, com o outro, consigo mesmo e com Deus, condições fundamentais que proporcionam o aprimoramento da vida humana. O problema reside no fato de que, nos dias de hoje, o homem, iludido e ofuscado pela técnica e pela ciência, procura entender na dimensão terrena e intra-histórica o sentido de sua existência. Assim, de um modo geral, podemos entender que a atualidade expressa tentativas de se buscar no desenvolvimento histórico da racionalidade tecnológica, no homem planejador de seu futuro, os motivos que o possa fazer acreditar nos *progressos históricos exclusivamente como processos de planejamento técnico-científico* (Zilles, 1968. p. 1102). Visto deste prisma, quem é o homem que urde a técnica e a ciência e, ao mesmo tempo, se vê maravilhado e depositante de todos os anseios e perspectivas no progresso, aparentemente contínuo, que a razão oferece?

Em nosso tempo o referir-se ao homem assume um aspecto meramente funcional. Esta referência situa o homem dentro de um sistema de funções, cujo desdobramento coincide com o entendimento de que a vida humana é um *problema* que precisa ser resolvido. Ora, portanto, não é à toa que Zilles criticou o mundo da técnica e da ciência asseverando que nele *tudo é reduzido a 'problemas', desaparecendo o 'mistério'* (Zilles, 1995. p. 09). Para fundamentar esta discussão o pensador brasileiro se deteve no exame da distinção entre *problema* e *mistério*, aspecto base da filosofia de Gabriel Marcel (1889-1975), que mereceu especial atenção do pensador brasileiro. O cerne deste debate está vinculado à tese de que a idéia de *problema* é uma categoria das ciências empíricas. Logo, dizemos, por exemplo, que quando o cientista se propõe a fazer uma pesquisa, parte de *problemas* que deverão ser solucionados; diante de determinados experimentos surgem obstáculos ou *problemas* que devem ser superados; e assim por diante. Ora, o mundo do espírito humano não pode ser tratado dentro desta ótica pois *querer expor o ser humano à luz da objetivação científica e técnica será confundi-lo com 'coisas'* (Zilles, 1978. p. 217). Ao coisificar o outro com quem me relaciono, desconsidero sua dignidade. A situação fica ainda mais dramática se considerarmos que só afirmamos o *eu* a partir de um *tu* que participa. Se se coisifica o outro, a relação torna-se objetiva e, por isso, também coisificada. Logo, o *eu* também é transformado em coisa, vítima desta relação objetivante. Essa discussão, inserida num contexto de consideração do valor da pessoa, levou Zilles ao entendimento de que a vida pessoal não se explica, mas se reconhece como mistério que se situa *no campo do pessoal e transcendente. Por isso, o mistério não pode nem deve ser reduzido ao problemático* (Zilles, 1995. p. 49). Afirme-se, por isso, que a pessoa só pode ser reconhecida como mistério e nunca tratada como problema. Ao ser tratada como problema a pessoa é ameaçada e a singularidade e ontologicidade de cada entidade pessoal é desrespeitada. Quando isso acontece, obtém-se como dividendos a uniformização e massificação da pessoa humana.

A massificação produz efeitos interessantes. Ela se manifesta, segundo Zilles, por exemplo, quando *a crescente socialização da vida e o crescente poder do Esta-*

do penetram na esfera da vida privada da pessoa e destroem a união fraterna dos homens. Neste mundo, a tendência dos homens é serem apenas funcionários (idem. p. 09). Essa, portanto, é mais uma conseqüência do aspecto funcional em que o homem se encerra. Mas além dessa, existem outras. Vejamos algumas.

Zilles entendeu a liberdade humana como uma ilha num mar de determinismos. Ora, esse determinismo absolutizante massifica a pessoa. O pensador brasileiro asseverou que a massificação é um fenômeno comum na atual centúria, visto que existem muitas determinações que condicionam a vida pessoal. Suas palavras são bastante apropriadas: *entre os absolutismos de nossos dias crassa o da ciência, da técnica, do dinheiro e do poder. No eventual conflito entre uma interpretação religiosa, filosófica, artística e científica do mundo e do homem, o grande público de hoje logo se decidiria pela ciência* (Zilles, 1978. p. 218). Mas como podemos caracterizar a ciência nos dias atuais?

O contexto hodierno indica que, nos dias de hoje, o que fundamentalmente caracteriza o mundo científico é a fragmentação. O apego ao fragmentário atinge o universo antropológico de compreensão da pessoa humana. Conforme já pudemos observar, a expressão deste apego no universo das ciências humanas se deve ao fato de que há uma enorme crença na solução de todos os problemas pelo viés da razão. Isso decorre de uma conjuntura traduzida na crença de que *a ciência e a técnica modernas nascem da tentativa de interpretar o mundo e o homem 'more geometrico', baseado numa confiança otimista no poder da razão* (Zilles, 1993. p. 22). Entretanto, o que podemos observar é a fragmentação do homem, que gera a angústia, e a fragmentação do saber, que desorienta. A parcialização dos problemas produz o fenômeno da especialização. O especialista, escreveu Zilles, é *aquele que sabe tudo sobre quase nada e quase nada sobre o todo* (Zilles, 1978. p. 217). No mundo atual o que verdadeiramente interessa são os resultados traduzidos sob a forma da eficácia. Mas, somente a fragmentação da ciência pode trazer resultados eficazes. No entanto, o que se pode vislumbrar, é a caracterização de um mundo racionalizado cada vez mais desumano, sem coração e sem alma. Que tipo de homem ele pode gerar?

Zilles entende que o homem que surge deste mundo é massificado e encarnado em suas posses materiais. Acredita firmemente que a verdade do mundo se traduz no domínio da racionalidade científica e da tecnologia. Esse homem vê no mundo apenas os vestígios do homem e da racionalidade. O resultado do primado da razão e da técnica é duplo: num primeiro momento ele diz respeito à noção de que o homem é o grande intelecto deste mundo; num momento posterior, surge o problema da uniformização.

Ao indicar que nos dias atuais *o homem se compreende a si mesmo como demiurgo, o arquiteto do mundo, apenas usando a matéria disponível para manipular o seu mundo* (Zilles, 1968. p. 1100), Urbano Zilles observou que o homem construiu sua cidade maravilhosa, mas deteve uma confiança excessiva no progresso científico que no cotidiano experimentamos. Porém, nem sempre a ciência revela uma vinculação da prática dos seus empreendimentos com os ideais proclamados. Os problemas sociais, por exemplo, em nosso século, ainda persistem. A ciência antes de dar *status* e domínio à pessoa deveria fornecer as bases para um mundo melhor, mais justo. Entretanto, dia após dia experimentamos um mundo

que é o da *cidade secularizada, sua anonimidade, sua organização burocrática, sua automação impessoal, a nova concepção de trabalho, de sexualidade e educação e suas promessas de liberdade e humanidade* (Zilles, 1969. p. 389). Essa cidade, resultado da técnica e da ciência, é a expressão da ruptura entre o mundo da ciência e o do dia-a-dia concreto. Dessa reflexão Zilles retirou a noção de que a ciência e a técnica se esqueceram do fato de que atendem às demandas do próprio mundo do cotidiano. Disto ele indaga: *para que ciência e técnica senão para o homem todo e para todos os homens?* (Zilles, 1993. p. 22). Mas o que podemos notar é facilmente traduzido: a humanização do homem não passa pelos objetivos da utilização da tecnologia. O que se quer é criar máquinas e robôs que traduzem *uma tendência uniformizante que se manifesta em todos os campos* (Zilles, 1978. p. 222). A *automação do homem* é um dado que merece atenção.

A utilização indiscriminada da razão científica e da técnica podem aperfeiçoar robôs, mas não homens verdadeiramente humanos. Ela deu origem ao homem que se utiliza da natureza a seu bel prazer, que a manipula por meio do domínio da técnica. Segundo Zilles, este é o homem do amanhã. O brasileiro compreendeu que a hodierna crise do homem se manifesta na automação, deduzida da redução a que o homem foi submetido. O pensador brasileiro traduz esta reflexão num ilustrativo comentário: *se não quisermos reduzir o homem a um robô, precisaremos buscar os fundamentos de seu ser. Este não se desdobra apenas em atividade intelectual ('homo sapiens' e 'animal rationale') e atividade prática ('homo faber'). Ele é também 'homo festivus' O homem é um mistério que não poderá ser degradado a coisa ou máquina* (idem. p. 224). Ao fazer estas considerações, Zilles entendeu a pessoa como um todo complexo, como existência rica que não pode ser unidimensionalizada. Ele explicou que no plano ontológico da pessoa humana existem dimensões que escapam à pura razão objetivante. Portanto, segundo Zilles, é preciso recompor o entendimento do homem global. Existe limite para a racionalidade científica. Esse limite revela-se no íntimo do ser humano, onde ele não é objeto, mas sujeito; onde ele não é calculável, nem inventariável. A crença nas *ciências dos fatos 'puros' e 'simples' produzem homens que só vêem puros e simples fatos* (idem. p. 219). O rigor matemático eliminou o sentido da vida humana. O mundo fecha-se num universo de sinais, eliminando o mistério, a metafísica e a religião como indignos dos grandes espíritos lúcidos (idem. ibidem). Essa problemática apresenta-se como a crise na consciência de fé.

## 1.2- A crise da fé

Conforme pudemos mostrar, Zilles criticou o papel assumido pela ciência e pela tecnologia em nosso tempo. Quando se referiu à crise do homem provocada pela apologia da técnica e da ciência, entendeu que os paradigmas científicos não conseguem esgotar as dimensões da vida pessoal. Logo, concluímos que o pensador brasileiro considerou que a vida humana escapa às sistematizações definitivas. A atualidade é a responsável, segundo o filósofo, por optar pela *decisão metódica de se ater à evidência do cálculo e da percepção colocando entre parêntesis imensas regiões da experiência humana, nas quais se situam problemas fundamentais de nossa existência* (Zilles, 1978. p. 220-21). Um destes problemas, sem dúvida nenhuma, é o do fenômeno religioso. A esse respeito Zilles elaborou uma

contribuição importante. Como a podemos caracterizar?

Inicialmente o filósofo brasileiro entendeu que *o problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo* (Zilles, 1991. p. 06). Esta reflexão deixa claro que o fenômeno religioso abrange importante aspecto da vida pessoal. A religião expressa-se em linguagem humana e em categorias humanas, portanto, ela é fenômeno humanamente compreensível e é impossível desvinculá-la da antropologia filosófica. Neste sentido, a negação total da religião dos dias de hoje, merece, no mínimo, de autocrítica, diz o pensador. O ateísmo, o humanismo sem Deus, professado na atual centúria, fez com que a relação do homem com Deus fosse substituída pela relação da pessoa com o mundo material. Vejamos o que nos diz o próprio Zilles: *A fé em Deus, para tal humanismo, representa um obstáculo para construir o mundo de maneira mais livre, mais digna e mais humana. Pensa que precisa afastar o Deus da religião para poder humanizar mais livremente o mundo do homem* (Zilles, 1968. p. 1095). O mundo técnico-urbano, conforme observamos, parece ter criado a idéia de que Deus não pode participar do mundo racional e científico criado pela inteligência humana. Instaura-se, com isso, a crise da consciência de fé vivida pelo mundo ocidental nos dias hoje. Tal problema está vinculado, segundo Urbano Zilles, à *secularização e ao desenvolvimento social*.

A secularização é descrita por Zilles como sendo uma *transição de um mundo divinizado para um mundo hominizado* (idem. p. 1099). O mundo hominizado se traduz no objetivismo que se desdobra na técnica e na ciência, tidas como as totalizadoras do conhecimento. O pensador brasileiro explicou que *a técnica e a civilização modernas fizeram com que nós não vivamos mais num mundo originário, mas num mundo secundário ou terciário, construído pelo próprio homem* (idem. p. 1092). Com isso, Zilles não quer descartar a importância da ciência. Importa-lhe mostrar, na verdade, que a ciência não esgota o conhecimento do mundo e não pode responder a questões íntimas que povoam a dimensão interior do homem. Entretanto, ela pode oferecer respostas a indagações extremamente inquietadoras. Um exemplo é o debate travado pelos evolucionistas e os cristãos. Zilles, a exemplo de Teilhard de Chardin (1881-1955), entendeu que a evolução pressupõe a criação. Não existe algo que evolua do nada. Da mesma maneira, na medida em que o processo evolutivo foi sendo desvendado, a mensagem salvífica de Cristo ganhou sentido. Assim, *o desenvolvimento da ciência positiva ou experimental contribuiu, ao menos indiretamente, à uma compreensão melhor e mais profunda do texto sagrado* (Zilles, 1966. p. 812).

O desenvolvimento social descrito por Zilles traz uma reflexão que se pauta no problema do lugar do mundo da fé. O pensador pergunta-se se ele *terá lugar no mundo de amanhã, que será sempre mais o mundo do homem, de tal modo que ele não conseguirá manipular a estrutura interna do mesmo, mas até se projetará a si mesmo como quererá ser amanhã* (Zilles, 1968. p. 1107). A complexidade da vida social assume inúmeras características. O homem vive hoje uma tentativa de imposição de silêncio sobre o problema de Deus, de poder absoluto sobre o mundo material. O pensador brasileiro entendeu que a civilização tecnológica eliminou o sentido e a transcendência da vida da pessoa humana e percebeu que no mundo atual a questão da fé parece ter perdido um modo de expressão claro e renovado.

Isso se deve ao fato de que a metafísica clássica não dispõe de categorias para exprimir o mundo da fé de modo atualizado para a pessoa que vivencia o planejamento do mundo futuro. É preciso fazer com que a linguagem filosófica seja acessível e atualizada quando quiser expressar-se sobre a dimensão religiosa. Não deve, entretanto, valer-se de explicações simplistas e reducionista. Ouçamos o pensador: *não é qualquer filosofia capaz de criticar o mundo da fé e da religião. As filosofias que pretendem simplesmente explicar a religião ou reduzi-la a elemento não religioso como 'libido' ou situação sócio-econômica alienada não servem* (Zilles, 1991. p. 17). Neste sentido, o filósofo explica que caberá à filosofia um papel de destaque no universo de compreensão do homem. Deverá buscar uma linguagem que aproxime o homem da vida concreta sem excluir a possibilidade de um encontro com Deus. As principais diretrizes desta questão vamos expor a seguir.

## 2. O universo da vida pessoal

A reflexão sobre o homem precisa identificar e exprimir o que seja a pessoa humana. Deve considerar o homem como um existente situacional, finito, aberto à comunicação e ao sentido, e consciente. Estas categorias que exprimem o universo da pessoa precisam ser examinadas, se quisermos atingir os fundamentos da meditação de Zilles.

### 2.1- O existente situado

Dizer que a pessoa humana está *situada* significa entender a vida humana de modo localizado e circunstanciado. Tal afirmação, situada num ponto de vista amplo, pode possibilitar a seguinte constatação: o homem possui um *campo de atividades criadoras limitadas no espaço e no tempo. Dispõe de material preexistente com estruturas internas, de certo modo, já predeterminadas* (Zilles, 1968. p. 1108). Há que se distinguir dois pontos de extrema relevância nesta observação: em primeiro lugar, a idéia de que o homem *cria* a partir do *já criado*; e, em segundo lugar, a idéia de que o homem é um ente finito. Estas duas considerações revelam-se nas formas típicas da pessoa; elas indicam o íntimo do ser humano. Vejamos como estas caracterizações se apresentam na obra zilleana.

A noção de *atividade criadora* nos permite vislumbrar que a existência humana convive com uma estrutura predeterminada, natural. Essa natureza foi compreendida por Zilles como um *conjunto quase orgânico que se constitui geneticamente por evolução e diferenciação* (Zilles, 1995. p. 443). A estrutura dinâmica que se apresenta na evolução da natureza dá ao homem a capacidade de transcender os obstáculos que lhe são impostos. Zilles explicou que a superação das barreiras está baseada na construção e no uso da técnica definida como *conjunto de instrumentos e maneiras de proceder, através dos quais o homem se liberta das barreiras dos vínculos orgânicos e se torna capaz de perseguir novas metas para transformar o que lhe é dado* (idem. ibidem.). Portanto, a capacidade de transcender os obstáculos materiais ganhou forma especial no uso da técnica e da ciência, mecanismos de domínio do homem sobre a natureza. No entanto, na situação concreta vivida pelo homem contemporâneo, conforme já observamos, a tecnologia e a racionalidade objetiva tendem a se colocar como paradigmas absolutos. Essa tendência elimina outras situações vividas pelo existente como a do fenômeno religioso, da comuni-

cação e da transcendência. Que tipo de situações são essas?

O pensador brasileiro destacou que *o modo de ser próprio do homem não se limita ao campo da realidade material* (Zilles, 1989. p. 176). Apesar de se reconhecer existente individual, o homem tenta se comunicar com o universal. De que modo tal tentativa se exprime? Segundo Zilles, *no homem há uma carência ontológica que fundamenta seu estado permanente de 'homoviator'. Esta situação de carência provoca nele uma situação pessoal de insatisfação, de angústia vivencial* (idem. p. 176). Devido a este estado de carência constante, a pessoa procura a felicidade. Essa procura manifesta-se em diferentes planos de nossa vida: *no trabalho, na convivência com pessoas queridas, seja na boa ação, no esporte, na arte ou na ciência* (Zilles, *Meditações*, 1998. p. 33). Zilles explicou que as pessoas vivem situações diferentes a todo momento e possuem aspirações e aptidões diversas. O existente não consegue se livrar dos condicionamentos impostos pela vida diária. A própria palavra *existir* revela *um movimento para fora, uma tendência centrífuga* (Zilles, 1995. p. 44). Portanto, *existir* significa se situar frente à vida através da *experiência da dor, seja da própria ou alheia: doença incurável, angústia, solidão, necessidade* (Zilles, 1998. p. 33) ou da *experiência da morte de um amigo ou familiar, que nos deixa de repente* (idem. *ibidem.*). A situação revela a questão do sentido posto na finitude humana. Esta é, aliás, mais uma faceta da vida humana: o homem se reconhece como ente finito. Sobre estes aspectos falaremos a seguir.

## 2.2. A experiência do sentido

O problema do sentido na vida da pessoa humana mereceu muita atenção de Zilles. A busca de um sentido na vida humana manifesta-se como dado essencial. O homem alimenta perguntas do tipo: *quem sou eu?, para onde vou?, por que estou aqui?, que devo fazer?*. Tais perguntas que se vinculam a um objetivo que parece comum para todas as pessoas: a felicidade. Assim, podemos dizer que a tentativa de construir um sentido é algo inevitável para o homem. Urbano explicou que a pessoa é *Dom e tarefa ao mesmo tempo. Diariamente o homem deve forjar-se a si mesmo, seu rosto humano* (Zilles, 1991. p. 192). A importância do sentido para a pessoa é, segundo Zilles, ainda mais importante para os dias de hoje. A pessoa humana precisa de referenciais que façam a vida valer a pena, visto que *o mundo atual é de desarmonia, pois ainda não é verdadeira e plenamente humano. A ciência e a técnica revelam-se, cada dia, mais impotentes para mostrar o sentido para o homem e para a sociedade humana* (idem. p. 193). Diante da ameaça da existência sem sentido o que podemos fazer? Em outras palavras, onde está o sentido?

Zilles asseverou que o mundo da técnica e da ciência alteraram a visão de homem excluindo dele a capacidade de vislumbrar uma escatologia para a vida terrena. Assim como fizera Teilhard de Chardin, o pensador brasileiro creditou à fé um papel fundamental no que se refere à busca de um sentido para a vida pessoal. Zilles entendeu que *Cristo é o centro de irradiação para as energias que conduzem o universo para Deus através de sua humanidade* (Zilles, 1968. p. 447). Há, portanto, um sentido na evolução do planeta. A teleologia se encontra na realização plena do homem. Entretanto, a dinâmica evolutiva não culmina no homem, mas é o ser humano quem permite o passo final: o retorno da criação a Deus. Nesta perspectiva o homem é tido como o detentor de uma capacidade criadora, que tende sempre



a transcender situações dadas a partir da criação de outras novas. A criação passa, inclusive, pela elaboração de símbolos que expressam o diálogo humano com o transcendente. Qual a contribuição de Zilles no que se refere ao papel desempenhado pelo símbolo na vida humana?

O filósofo brasileiro asseverou que *símbolo é um objeto, um gesto, um elemento, um movimento ou uma ação que vale não pelo que é em si, mas o que significa* (Zilles, 1996. p. 12). Zilles tomou como base a liturgia cristã e percebeu que ela está repleta de símbolos. O tempo, por exemplo, é dividido em ciclos como o ciclo pascal, o pentecostes etc. No espaço temporal existe um marco maior que muito representa para o povo cristão. O nascimento de Cristo é tão importante que toda história do Ocidente Cristão é dividida em fatos acontecidos *a.C* (antes de Cristo) e *d.C* (depois de Cristo). Com relação ao espaço o mesmo acontece: existem lugares sagrados como a Igreja, a gruta onde Cristo nasceu em Belém etc. Estar nesses lugares, para o cristão, muito representa. Mas não são só o espaço e o tempo que representam algo para o cristão. Objetos e gestos também trazem forte carga simbólica. O silêncio é um gesto que, segundo Zilles, traduz uma *atitude humana capaz de expressar as mais diversas situações interiores* (idem. p. 119). A expressão do sentido pelos símbolos é extremamente possível dentro desta ótica. O homem estabelece uma relação pessoal com Deus quando está em contato com o simbólico que é *uma forma de acesso à realidade do ser, à existência, à realidade mais profunda do invisível* (Zilles, 1968. p. 1097). Justo porque a realidade do homem é intraduzível numa linguagem científica é que ela não é suficiente para resolver o problema do sentido. A ciência tenta suprir com sua racionalidade todo o espaço da dúvida, do erro e dos desvios humanos. No entanto, *nada permite concluir sobre a não-existência de um sentido último transcendente para esta vida transitória. Trata-se na verdade de uma questão metafísica* (Zilles, 1989. p. 179). A finitude humana exige o sentido como possibilidade da comunhão com o infinito.

### 2.3. A finitude da pessoa humana

Quando queremos entender o que o homem é, observamos os diversos aspectos de sua vida. Um dos caracteres que consideramos fundamentais diz respeito à sua condição de existente situado: a pessoa humana jamais *conseguirá dispor de seu futuro de maneira absoluta* (Zilles, 1968. p. 1098). Isso significa dizer que o homem nasce com o gérmen da morte dentro de si, sabe-se criatura limitada pelo espaço e pelo tempo. O mundo cotidiano pode levar o homem à crença de que a ciência e a técnica, tidas como critérios de verdade absoluta, lhe dará a eternidade. No entanto, ao chocar-se com o erro, com a dúvida e a incerteza, a pessoa voltará a enxergar-se como criatura temporal. Com isso, experimentará face a face com a realidade, que existe necessidade de um sentido para a vida humana, sentido que permite a abertura para o infinito. A atividade criadora e manipuladora resultante do contato do homem com a natureza é apenas uma variável que não realiza a pessoa em sua totalidade. Não confere dignidade, nem assegura a singularidade e a inviolabilidade pessoal, pois impede a capacidade de transcender da pessoa no plano do espírito. O homem possui uma inquietude que o impulsiona para o infinito, para o sentido último da existência. Transcende os obstáculos materiais, mas não pára por aí; quer transcender a morte, quer saber o porquê de sua existência. Ouça-



*um conforme a sua situação* (Zilles, Religião, 1997 p. 416). Assim, a crença em Deus revela-se como fundadora da liberdade e da igualdade. E é somente o ato de ser livre que permite ao homem a transcendência, a capacidade, inclusiva, de crer ou descrever. O papel da fé, neste sentido é primordial. O ato de *crer significa transpor barreiras estabelecidas, estar a caminho. Crer significa estar em movimento para fora do que já é. Significa confiar em algo que não temos disponível em nossas mãos, confiança no futuro. Significa estar aberto para o novo, assumir o risco* (Zilles, Missão, 1997 p. 32). Concluimos com tal afirmação que é a fé quem permite a afirmação de um sentido para a vida humana. Este sentido se realiza plenamente na experiência da liberdade e da igualdade que, por sua vez, tem sua âncora em Deus. O entendimento de que a liberdade, ponto chave de uma vida ética, possui fundamento na relação pessoal que estabelecemos com o Absoluto, produz a compreensão de que a moral deve pressupor a participação do outro. O diálogo é, portanto, a base da ética. Não só o diálogo de um homem com outro, mas também do homem consigo mesmo. Emerge daí o papel da comunicação e da consciência.

## 2.5. A comunicação e a consciência como base da vida ética da pessoa

A pessoa humana possui um outro atributo importante. Trata-se da capacidade de abertura que o homem manifesta na comunicação: *o ser humano caracteriza-se por uma excentricidade. Esta excentricidade manifesta-se no próprio dizer 'eu' que fundamenta toda a atividade humana* (Zilles, 1989. p. 176). O dizer 'eu' explicou Zilles, se fundamenta na relação com o 'tu'. Não existe um 'eu puro'. No entanto, o filósofo brasileiro percebeu que não basta um 'tu' que se põe simplesmente para que o 'eu' se faça. É preciso que haja *presença amorosa do tu, presença criadora, pois o amor faz com que o outro se realize* (Zilles, 1995. p. 47). O amor manifesta-se em sua essência naquilo que Marcel entende por disponibilidade. É ela que permite a realização do homem enquanto pessoa digna e livre. A relação não amorosa, objetiva, coisifica o homem e não o permite realizar-se como pessoa. A esse respeito ouçamos o pensador: *A grandeza do homem consiste justamente em sua capacidade de comunicar-se com o outro na dimensão espiritual, como no caso do amor. Quando duas pessoas se amam realmente, elas estão ligadas entre si por laços misteriosos, o laço que une um 'eu' ao 'tu'* (Zilles, 1968. p. 1097). O caráter intersubjetivo da ética deve se pautar nesta noção: a dignidade humana deve se basear na relação pessoal amorosa, de respeito à pessoa que o outro representa. Para Zilles, a comunicação é importante porque promove o enriquecimento da vida no sentido de que a comunhão possibilita ao homem a formulação de um ideal de conduta regido por valores e critérios que lhe servem como referenciais. Assim, podemos entender a pessoa como disposta naturalmente a um nó de relações. Dizer não à comunhão pessoal, *fechar-se a esse relacionamento ou unilateralizá-lo é trair-se, asfixiar-se. O individualismo é anti-humano. A vocação do homem é viver e promover a comunhão interpessoal* (Zilles, Religião, 1997 p. 387). Mas o homem não só dialoga com o outro mas também consigo mesmo. Aí entra a questão da consciência moral. Como Zilles a entendeu?

Zilles asseverou que a pessoa na busca pelos referenciais de ação que possibilitam uma vida ética muitas vezes se encontra limitada por determinismos, massificada pelas *últimas tendências*. Isso traz como consequência fatal a redução

da pessoa: ela torna-se *mero registrador das pressões sociais, tomando como critério moral o que todo mundo faz* (idem. p. 391). Como fazer para que isto não aconteça? A resposta possuiu fundamento na afirmação da consciência moral do homem. O filósofo brasileiro explicou que a pessoa deve ser fiel à sua própria consciência, pois é a fidelidade que possibilita a visualização da estatura moral de um homem. Mas qual é o papel da consciência na vida humana?

O pensador analisou a questão dentro de diversos prismas. Em primeiro lugar, ele considerou a consciência como a indicadora do lugar do homem no mundo. Ela substitui aquilo que no animal chamamos instinto. *A consciência representa o que o sistema propulsor representa num navio: avverte, julga, impulsiona, orienta* (idem. p. 392). Num segundo momento Zilles indica a consciência como *a base do diálogo e do progresso humano, o lugar onde se vivencia a responsabilidade moral* (idem. ibidem.). Tal responsabilidade deve se pautar na exigência da ação consciente que procura fazer sempre *aquilo que vocacionalmente lhe convém. Seguindo sua consciência o homem vive e realiza uma vida que só a ele foi confiada* (idem. p. 395). Como fonte de relação e autonomia a consciência também desempenha papel importante. Nosso autor indicou consciência como *centro de autonomia do homem, que faz dele o responsável último por si mesmo* (idem. ibidem.). Ela atesta que a pessoa é *essencialmente relacional. Uma solidão chamada à comunhão* (idem. ibidem.). A vida ética da pessoa carecerá de fundamentos se tais aspectos não forem abordados. A comunicação pautada no diálogo amoroso e a identificação da consciência moral com a vivência vocacional e comunitária são exigências de um mundo moral onde a pessoa tenha o valor e a dignidade que merece. As formulações de uma ética que privilegia o individualismo, o esquecimento da comunhão, não se identificam com o mundo humano. A essência da pessoa não está na realização do indivíduo sozinho ou de uma classe, mas na comunhão e na relação interpessoal.

### 3. O papel da filosofia no resgate da pessoa

De muitos modos Zilles elevou o caráter da filosofia no que se refere a seu papel na construção de um mundo ético que estabeleça o primado da pessoa humana. Explicou que a função da filosofia é indagar *pelo problema radical do ser, constituindo-se em reflexão séria e sistemática sobre a própria vida em sua totalidade no mundo* (Zilles, 1987 p. 12). Refletir seriamente sobre o papel da pessoa humana neste mundo é buscar a compreensão da vida pessoal sem ignorar seus aspectos essenciais. Algumas filosofias elaboradas no século passado e na atual centúria detiveram seu interesse nas formulações científicas e se esqueceram do mundo da vida humana. Zilles explicou, por exemplo, que *nessas filosofias Deus e religião não ocorrem porque são objetos que não interessam. Desconfia-se de que o discurso sobre Deus e religião não tenha sentido ou seja absurdo, ao menos do ponto de vista lógico* (Zilles, 1991. p. 84). Como tais problemas podem ser solucionados pela filosofia?

O pensador brasileiro analisou a questão dentro do ponto de vista de um discurso sobre as ciências. Entendeu, fundamentalmente, que o método das ciências empíricas não pode ser tomado como critério para o entendimento sobre a vida humana. Assim, *para dizer quem é o homem são insuficientes os recursos usuais*

*da observação empírica, pois é impossível descrever o homem como se descrevem cubos ou quadrados ou coisas quaisquer* (Zilles, 1989. p. 163). A filosofia deve se aproximar de um método que possibilite o entendimento global da pessoa. Deve falar da finitude humana, mas não pode desconsiderar a exigência de um sentido último para existência; deve dialogar com outras ciências, mas não pode se esquecer de abrir espaço para a religião, para a transcendência. A atividade da filosofia promove a abertura do homem para o infinito, pois *quando o homem filosofa, ele mesmo pensa. O pensar filosófico é forma radical da liberdade humana* (Zilles, 1991. p. 09).

Quando se quer pensar o homem, explicou Zilles, não se pode deixar de considerar a metafísica. É ela quem possibilita o contato do homem com o transcendente. A existência deste contato por fazer parte da vida humana não pode ser esquecida, visto que a filosofia, *através de séculos e milênios, parece convergir no desejo de o homem se conhecer a si mesmo* (Zilles, 1989. p. 161). Essa situação de busca, no entanto, perdura, segundo o que o própria Zilles explicou. O homem jamais resolverá satisfatoriamente o problema do próprio homem, *mas, como no passado, certamente também no futuro não deixará de fazer novas interrogações sobre si mesmo, pois tudo indica que permanecerá sendo o problema mais interessante* (idem. p. 162).

## Conclusão

Urbano Zilles elaborou uma reflexão pautada na influência das filosofias de Santo Tomás de Aquino, Emmanuel Mounier, Gabriel Marcel e Teilhard de Chardin. Ele considerou do tomismo a idéia de existência privilegiada do homem ratificada pela idéia de que *enquanto corpo formado por uma dimensão espiritual, o homem é uma pessoa física. Tal caráter, único sobre a terra, lhe confere uma semelhança com o Deus pessoal* (Zilles, 1997 p. 408). Com Mounier, Zilles aprendeu a lição de que vida pessoal é complexa e rica. A pessoa, explicou o francês, é aberta à comunicação e à transcendência, é vocacionada, livre e dinâmica. Por isso, asseverou o pensador brasileiro: *todo método que quiser aproximar-se de uma visão global do homem deverá intencionar a totalidade* (Zilles, 1989. p. 167). De Marcel, Urbano Zilles apreendeu a importância da intersubjetividade para a construção da ética e a noção de existência encarnada: *a vocação do homem é viver e promover a comunhão interpessoal* (Zilles, 1997 p. 387), asseverou o brasileiro. O pensamento de Chardin contribuiu para a assimilação de que o homem possui um *status* privilegiado no processo evolutivo: *nele e através dele a criação converge para Cristo* (Zilles, 1968. P 817).

No entanto, conforme pudemos observar, o pensador não se deteve só nisso. Zilles levantou uma crítica à civilização tecnológica explicando que *a vida humana não se deixa reduzir ao conhecimento estritamente racional* (Zilles, 1978. p. 218), à ausência da religião que *pergunta pelo sentido da realidade global* (Zilles, 1991. p. 192), à falta de diálogo que nos faz esquecer a idéia de que *eu e tu temos a mesma raiz* (Zilles, 1997. p. 405). Destacou ainda o papel da fé na experiência humana e da filosofia que *indaga pelo sentido do ser e agir humanos* (Zilles, 1987. p. 11) ressaltando a necessidade de sentido que *manifesta-se na busca da felicidade, de reali-*

zação, de amor (Zilles, 1991. p. 192). Seguindo esta trilha de pensamento, Zilles pretendeu dar à pessoa um tratamento global que, de modo concomitante, proporcionasse o estabelecimento do primado da vida pessoal e eliminasse a concepção negativa da vida humana que durante muito tempo norteou o pensamento filosófico brasileiro.

#### BIBLIOGRAFIA

- CHARDIN, Teilhard de.** *O fenômeno humano*. São Paulo: Herder, 1965.
- MARCEL, Gabriel. *Filosofia concreta*. Madrid: Revista do Occidente, 1959.
- MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Lisboa: Martins Fontes, 1964.
- ZILLES, Urbano.** *Teilhard de Chardin: Criação e evolução*. Vozes, out. 1966. p. 803-17.
- \_\_\_\_\_. *Deus na civilização técnico-urbana de hoje*. Vozes, dez. 1968, p. 1091-113.
- \_\_\_\_\_. *Morte no mundo do progresso técnico-científico?* Convivium, set/out. 1969. p. 388-90.
- \_\_\_\_\_. *Albert Camus: o homem revoltado*. Convivium, mar/abr., 1975. p. 128-39.
- \_\_\_\_\_. *O personalismo na filosofia e a filosofia do personalismo*. Convivium, maio/jun. 1976. p. 222-43.
- \_\_\_\_\_. *A crise da filosofia e a filosofia da crise*. Convivium, maio/jun. 1978. p. 215-27.
- \_\_\_\_\_. *O mundo como natureza, sujeito e cultura*. Teocomunicação, set. 1995. p. 441-52.
- \_\_\_\_\_. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Grandes tendências da Filosofia e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987
- \_\_\_\_\_. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A modernidade e a igreja*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Missão profética dos cristãos?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997
- \_\_\_\_\_. *Religião e Cristianismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997
- \_\_\_\_\_. *Meditações no Sumaré*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.